

ROMANCE

Os filhos e o eterno retorno a si, ao pai e ao sertão

Em 'Galiléia', Ronaldo Correia de Brito faz uma viagem que nunca termina

André de Leones*

No romance *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito, os primos Davi, Ismael e Adonias (o narrador) rasgam o sertão nordestino rumo à fazenda que dá título ao livro, onde foram criados e de onde deram o fora assim que puderam. A ocasião é o aniversário do patriarca, Raimundo Caetano. O homem está nas últimas e, conforme já anuncia o narrador no primeiro parágrafo, "a festa de aniversário poderá não acontecer".

Os três homens fizeram de tudo para se desvencilhar da região na qual foram criados. Viraram as costas para a violência circundante, para o clima de tragédia grega e brutalidade que definiu o lugar por muito tempo e foram tentar a vida em outros lugares – Recife, São Paulo, Noruega. Nesse sentido, Brito faz com que seus personagens percorram o caminho inverso de tantos outros: de volta para o sertão, por mais que, roseanamente falando, o sertão jamais tenha deixado de estar neles.

Bruto é muito bem-sucedido na maneira como sugere, o tempo todo, a iminência da brutalidade, da violência. Suas descrições são cortantes, secas, diretas. É evidente que o texto foi trabalhado à exaustão (o autor levou algo como oito anos para concluir o romance). Assim como acontece no estupendo filme *Rapsódia em agosto*, de Akira Kurosawa, em que toda a ação prepara o espectador para a viagem final da velha protagonista, sobrevivente do ataque nuclear a Nagasaki, cada parágrafo, cada frase de *Galiléia* parece apontar para um círculo im-



Divulgação

OITO ANOS – Correia de Brito se debruçou longamente sobre o texto

perfeito que não se completará, uma viagem que nunca vai terminar, posto que atrelada à memória daqueles homens e enraizada naquele lugar.

Não é por acaso que o livro termina com a impressão de que tudo é "sombrio e feio", tanto que "o coração se tranca, a boca amarga". Na verdade, a despeito da fazenda Galiléia, a despeito da família, a despeito de

todas as histórias e lembranças, não há lugar para onde voltar. Trata-se, portanto, de uma viagem para lugar algum.

Galiléia não é uma obra-prima, como *Madona dos Paramos*, de Ricardo Guilherme Dicke, um dos melhores romances de que se tem notícia, em que homens viajam para além do inferno, isto é, para dentro de si mesmos. Brito tampouco atinge a dimensão faulkneriana e bru-

talista de *Essa terra*, soco de Antônio Torres redesferido há pouco em edição de bolso. Mas é um autor que não teme o mergulho nesse vazio feito de lembranças ruins, lugares que já não são ou nunca foram e patriarcas moribundos, todas essas coisas sombrias e feias que definem o que é o mundo.

Mundo, aliás, cuja compreensão foge por completo do narrador. Afinal de contas, ele e os demais personagens, para usar algumas expressões de Deleuze, forçaram uma desterritorialização e não obtiveram, de imediato ou como consequência, uma reterritorialização. Daí o tal círculo incompleto. A impressão é de que essas pessoas, esses migrantes, esmagados por uma enorme inadequação, optaram ou foram forçados a ir embora. O problema é que, depois, quando decidem voltar, é como se não conseguissem mais fazê-lo, como se isso fosse impossível de realizar.

Eles voltam, mas não voltam de fato. Na medida em que não poderiam ter ouvido os discursos do patriarca de *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, meteram-se inadvertidamente no vazio que é esse mundo grande demais a nos cobrir (e enterrar) sem sequer fazer muita idéia do que havia lá fora ou dentro de si mesmos.

* Autor de *Hoje está um dia morto* (romance) e *Paz na terra entre os monstros* (contos)

Galiléia

Ronaldo Correia de Brito
Alfaguara
240 páginas, R\$ 34,90